

## **Narrativas sobre a cidade: a construção da higiene estética de Campina Grande através dos discursos dos comerciantes ( 1930-1960)**

Silvera Vieira de Araújo<sup>1</sup>

**Resumo:** Dentre as narrativas possíveis sobre a cidade, este trabalho tem o objetivo de problematizar as narrativas que nos informa sobre as dimensões políticas, culturais e sociais que permeiam o discurso dos comerciantes no sentido de construir a higiene e estética de Campina Grande através da exclusão da mendicância das ruas centrais da cidade. Jornais e Atas da Associação Comercial de Campina Grande serão utilizadas como fonte. Considera-se que, dispensar “o feioso”, “o doente”, “sujo”, fundamentou a ação dos comerciantes campinenses no sentido de eliminar os sujeitos “desviantes” das ruas centrais da cidade, dentre estes, os mendigos que foram alvos dessas práticas e discursos excludentes que demarcam a repugnância e a intolerância em relação ao “outro”.

**Palavras-chaves:** higiene, estética e mendigo.

**Abstract:** Among the possible narratives about the city, this paper aims to problematis the narratives that tell us about the political, cultural and social discourse that permeate the industry to build the health and aesthetics of Campina Grande mendicancy by excluding the central streets of the city. Journals and Proceedings of the Commercial Association of Campina Grande will be used as the source. It is considered that, release the "ugly", "the patient", "dirty", based the action of traders campinenses to remove the subject "deviant" from the central streets of the city, among them, the beggars who were targets of exclusionary practices and discourses that demarcate the disgust and intolerance towards the "other".

**Key words:** hygiene, aesthetics and beggar.

### **“Um espetáculo Horrível”: ações e discursos da classe comerciária para a exclusão dos mendigos da área central da cidade.**

No conjunto da reforma urbana realizada em Campina Grande, procuro analisar especificamente a atuação da classe comerciária no projeto de higienização e embelezamento da cidade, a partir da exclusão da mendicância das áreas centrais da cidade. Para este estudo, procuro destacar os discursos e ações que dão visibilidade a este projeto de constituição de uma cidade bela e limpa.

Sobre essa questão, um relato expresso no Jornal Brasil Novo pelo presidente da Associação Comercial, nos chama a atenção para uma problemática social da cidade, a pobreza ao extremo, que se expressava na mendicância:

---

<sup>1</sup> Mestranda em História, PPGH-UFCG. Bolsista do CAPES.

A comissão alludida pelo prefeito Lafaeytte Cavalcanti oferecendo-se este para sair em companhia do coronel Demosthenes Barbosa, cadastrando os comerciantes que, de livre e espontânea vontade queira auxiliar aos mendigos sem que elles ás suas portas venham interromper suas occupaões, e quicçar transmittir á casa de suas famílias o micróbio infeccioso de que se acham contaminados quasi todos pela falta absoluta de hygiene.(Brasil Novo, 1 de Abril de 1931).

A mendicância se colocava como uma ameaça à saúde pública, pelo perigo do contágio de doenças, mas também constituía um “espetáculo horrível”, que justificava *a idéia de ordenar o socorro aos mendigos que perambulavam pelas ruas da cidade(...) afim de se evitarem tantos males phisicos e moraes que formam o cortejo sinistro em torno da mendicância*<sup>2</sup>. Esse “espetáculo horrível” não era condizente com o ideal de beleza, que se queria dotar a cidade.

A imagem da mendicância em Campina Grande oferecia um “espetáculo desagradável”. E, por isto, movia ações por parte da classe comerciária no sentido de eliminar esta imagem, no qual se destaca a figura do coronel Demosthenes Barbosa representante da classe comerciária<sup>3</sup>. Este demonstra todo interesse em lutar contra a presença dos mendigos no centro da cidade, no período em que a cidade ainda não tinha passado pelas reformas em sua área central. O que pode ser observado em telegrama enviado, ao então Ministro da Viação e Obras Públicas, José Américo, assim transcrito jornal Brasil Novo em 7 de Fevereiro de 1931:

“ Em prol dos flagelados”

Ao exmo. Ministro da Aviação foi endereçado pelo comercio local, no dia 1 do mês vigente, o seguinte telegramma:

“ Campina Grande-, 1- Exmo Ministro da Aviação-Rio.

Dolorosa situação em nosso Estado pelo rigor da secca. Bandos de faminto seminus, braços estendidos e quasi ameaçadores, obrigam viajantes parar vehiculos a fim de colher esmolos.

Particulares cotizam-se, prestar-lhes socorro urgentes, receios, receiam queiram invadir villas ou cidades, com direito de fome, cresce a cada dia o número dos sem trabalho. É preciso urgente providencia dictada vosso espírito formado aqui no seio desta terra vossa e dos irmãos aflittisimos (...)

(a.a) Demosthenes Barbosa, pela Associação Comercial. Lafayette Cavalcanti, pela prefeitura. ( Brasil Novo, 7 de Fevereiro, de 1931).

O Ministro José Américo era responsável pelo envio de recursos do Governo Federal para amenizar os efeitos da seca no Nordeste, através da Inspeção Federal de Obras Contrás as Secas( IFOCS). Neste sentido, o então presidente da Associação Comercial, preocupado

<sup>2</sup> “ Socorro os mendigos: uma comissão que nos procuraram – um grupo de amigos, a Prefeitura e o comercio- A família campinense” Brasil Novo, Ano I, n. 13 ,1 de Abril de 1931).

<sup>3</sup> Estas informações podem ser consultadas nas Atas das sessões da Associação Comercial de Campina Grande. Localizada na Avenida Floriano Peixoto, Centro- Campina Grande-PB.

com a presença de possíveis flagelados da seca na cidade, solicita ao ministro uma solução para o caso. Em, resposta à solicitação do presidente da Associação Comercial, o ministro José Américo fala *sobre a conveniência da organização de serviços públicos, neste município e adjacências, a fim de evitar o infiltramento nesta de flagelados, a viver da caridade pública*<sup>4</sup>.

Havia o temor por parte do comerciante de que a cidade fosse infestada por retirantes, que para sobreviver, apelasse para a caridade pública. Tendo-se então uma preocupação em dispensar o feioso, em afastar do centro da cidade os mendigos, como se verifica nos objetivos da comissão que se formou com o apoio da classe comerciária para o socorro aos mendigos, conforme:

E, ainda mais, o prefeito Lafayette poz a disposição da comissão a contribuição da prefeitura, material, policial e moral, accordando que se devia escolher um lugar afastado da cidade em que se localisasse o dispensário citando o Hospital Pedro I, em construção, ou qualquer outro local como seja- o pavilhão que a “Deus e Caridade” estão construindo para abrigo dos mendigos, alem do açude Velho. Pelo que sabemos a policia se encarregaria de jocirrar os verdadeiros mendigos dos ociosos do momento, cohibir estes e cadastrar aqueles que de facto precisam ser socorridos, assim como como extinguir de vez a mendicância do centro da cidade, como se faz toda urbs civilizada. ( Brasil Novo, Ano I, n. 13 ,1 de Abril de 1931)

A comissão que tinha o interesse de extinguir a mendicância do centro da cidade, em nome da higiene e da estética, não demonstrou preocupação em re-socializar os pedintes, apenas esperava ver-se distante destes, ao enclausurá-los em abrigos. Isto pode ser identificado a partir das deliberações da Comissão:

- a) não permitir a mendicidade dentro da cidade;
- b) varrer das ruas os vagabundos, os desocupados voluntários que se arvoram em esmoleres;
- c) organizar o comissariado voluntário que se deve ocupar da sublime missão de socorrer os pobres.

Entre as funções da Comissão, a eliminação da mendicância do centro da cidade situa-se como a primordial, sob a justificativa de que não é possível a presença dos mendigos entre povos tão civilizados, conforme observamos:

Não se deve haver nesta cidade um só que concorde em adiar por mais tempo a permanência dos mendigos vagando pelas ruas, juncando as calçadas, batendo a toda hora em nossa porta, lavrando assim, o nosso corpo de delicto, em que se evidencia o nosso descaso, sendo a maior humilhação por que se faz passar o mendigo publicamente. Os povos civilizados não o permittem(Brasil Novo, Ano I, n. 13 ,1 de Abril de 1931).

---

<sup>4</sup> Ver : Livros de Atas das sessões ordinárias e extraordinárias da Associação Comercial de Campina Grande. Ata N. 11/32 de 27 de Agosto l de 1932.

A cruzada contra a mendicância significava o combate ao que manchava a imagem de cidade civilizada, mas também significava um ato de caridade para com os pobres, como afirma a última deliberação da comissão. Esse ato de caridade era necessário para afastar dos olhos das elites sujeitos tão “sujos” e “feios”. Isto, por que *ser saudável. Ser belo. Ser forte. Todas as afirmativas anteriores estão contidas na concepção de eugenia. Para ser o melhor, é preciso derrotar o mais fraco pela concorrência.* (DIWAN, 2007,p.21).

O Jornal “ Voz da Borborema de 1937” nos fornece um indicativo dessa grande quantidade de pedintes, mas também aponta soluções para este mal, como veremos, a seguir:

Já se encontra mais de uma centena de velhos sob a protecção da Sociedade S. Vicente de Paula” desta cidade. E, para elles, estamos pedindo alimentos, remédio e vestuário, afim de que não se tenha o desprazer de os ver perambulando pelas e praças, implorando a caridade pública, cobertos de humildade e despreso, e ainda para que se não tenha a magua de assistir ao triste espetáculo que nos offereciam, outras cidades mais adiantadas que a nossa.( A voz da Borborema. Ano I, n. 16, P.8, 8 Setembro de 1937).

A presença de mendigos era um “espetáculo horrível”, pela aparência anti-estética e anti-higiênica. Na mesma matéria do jornal há uma descrição dos pedintes, *onde falsos mendigos e verdadeiros mendigos, cegos aleijados, homens e mulheres decrepitos, crianças debilitadas pela verminose ou consumidas pelo paludismo, postadas nas esquinas, as portas das igrejas, nas ferroviárias, implorando a caridade publica*<sup>5</sup>. (A voz da Borborema. Ano I, n 8 Setembro de 1937).

Desta forma, para as elites campinenses era importante o distanciamento em relação aos mendigos, devido ao perigo do contágio. O isolamento e ocultamento dos mendigos no Asilo da cidade era uma solução urgente. Para isto, as campanhas de caridade<sup>6</sup>, tornaram-se meio possível para aumentar a capacidade de acolhimento do asilo da cidade. Essas campanhas tinham o apoio financeiro da classe comerciária, política e da imprensa que em conjunto passaram a conclamar a participação da sociedade em geral, no sentido de eliminar a mancha negra da cidade.

Dispensar o feioso, tornou-se, então, para época uma medida urgente, que convergia para limpeza e embelezamento da cidade. Neste contexto, a atuação da classe comerciária tornou-se visível, principalmente através do auxilio às instituições de caridade, como o Asilo

---

<sup>5</sup> Campanha de caridade” A voz da Borborema. Ano I, n. 16, P.8, 8 Setembro de 1937.

<sup>6</sup> Sobre campanhas de caridade ver: Brasil Novo(1 de Abril de 1931); A voz da Borborema(8 de Setembro de 1937); O Momento(8 de Outubro de 1950); Diário da Borborema(17 de Março de 1957).

de mendicidade S. Vicente de Paula, fundado em 1931, “ *cujo o fim é assistir os mendigos, com alimentação e roupas, [e,] terá primeiro que tudo finalidades moraes*<sup>7</sup> .

Este instituto foi edificado as margens do Açude Velho, hoje á Rua Paulo Frontim, n. 204 na cidade de Campina Grande, inaugurado aos 15 de Agosto de 1931 com a denominação de “ Asilo de Mendicidade Deus e Caridade” pertencente a uma instituição espírita que se encarregava de abrigar a velhice desamparada assistindo aos pobres, os mais carentes e, sobretudo, aos abandonados, em 1936 esta não podendo mais manter o asilo, solicitou que D. Anselmo Pietrili, Bispo de João Pessoa, cuja Diocese Campina Grande pertencia na época , encarregar religiosas que pudessem assumir a sua direção. Daí a vinda das irmãs Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, entre estas Irmã Galzy e Irmã Marta(francesas) e as irmãs Ana Maria e Lucy(brasileiras). Como não possível dispor de alojamentos para as freiras devido a precariedade do prédio, estas foram recebidas pela direção da “Casa de Caridade Padre Ibiapina”. No ano de 1936, é que as irmãs passaram a residir no atual prédio<sup>8</sup>.

A classe comerciária para concretizar o ideal de limpeza e embelezamento da cidade, passou a auxiliar várias campanhas de caridade.<sup>9</sup> Estas tinham o objetivo aumentar a capacidade dos asilos de acolhimento dos mendigos. Sendo uma ação que visava racionalizar a esmola, como destaca o jornal Brasil Novo de 26 de Julho de 1931:

Os vicentinos se empenham-se em amparar a mendicância. Ninguém fará ao nosso povo a angustia de dizer que elle nega uma esmola ao necessitado. Uma coisa, porém, nos falta racionalizar a caridade, organizar inteligentemente a distribuição da esmola. Fazel-a para explorar a ingenuidade pública e fazel-a sem olhar a quem e para quem é crime de péssimas conseqüências. É crime de lesa pátria favorecer o desenvolvimento da lepra e outras doenças contagiosas, cujo os germes os pequeninos, muitas vezes, apanham brincando, pés nus nas calçadas onde transitam os contaminados.( Brasil Novo, 26 de Julho de 1931).

A racionalização da caridade significa uma nova percepção em relação ao ato de esmolar, que se solidifica no século XX enquanto medida de controle e disciplina em relação à pobreza desgarrada. Tendo em vista que, esta passa a ser fixada em um mesmo espaço, facilitando, o exercício da vigilância e do controle. Essa racionalização da caridade, é denominada de filantropia, “ *que se anula as relações pessoais de dar e receber, transferindo-as para uma instituição social que pode com muito mais racionalidade controlar a mendicância.*(MACHADO, 1999, p.205).

<sup>7</sup> Ver: “ Causologia do mal: venhamos ao dispensário.” Brasil Novo, Ano I, n. 27, 24 de Julho de 1931.

<sup>8</sup> Estas informações foram fornecidas pelo Instituto São Vicente de Paulo em um breve relato histórico da instituição.

<sup>9</sup> Sobre as campanhas de caridade noticiadas nos jornais da cidade ver: Brasil Novo(26/07/1931) e (17/2/31); Voz da Borborema(29/10/37), (6/10/37),(8/9/37), (9/10/37), (11/08/37); Diário da Borborema(17/003/1957).

Brescianni(1987) em “ Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza” chama á atenção para a institucionalização da caridade, *através das chamadas casas de trabalho e outras instituições em que o objetivo é “acabar com a caridade particular e indiscriminada das pessoas ricas, e regular suas vidas pela disciplina do trabalho.”*(p.45).

A solução para este problema, estaria na racionalização da esmola, através da doação de dinheiro, remédios, roupas, alimentos, móveis ás entidades assistenciais, como o Asilo de mendicidade São Vicente de Paula. Este seria:

O dispensário ou dispensa dos pobres, é uma instituição de caridade cujo o fim é assistir aos mendigos, com alimentação e roupas principalmente. O dispensário vicentino, na medida de posses, como já vem fazendo a Conferência de S. Vicente de Paulo, terá primeiro que tudo finalidades moraes e religiosas. Será dirigida pela Conferência vicentina auxiliada por commissões parochiaes e distintas pessoas da cidade que nos queiram bondosamente ajudar.(BRASIL NOVO, 26 de Julho de 1931).

O Asilo teria a missão de reverter às doações para os acolhidos Assim, em um ambiente fechado e higienizado, é que se efetivaria a verdadeira prática humanitária de ajuda aos pobres necessitados, sem a necessidade de manter um contato direto com os pobres, pois isto seria perigoso, de acordo com o discurso da época. O asilo seria uma solução para o problema da mendicância, uma vez que estes confinados no asilo não incomodariam as elites. Evidencia-se no trecho do jornal, que o assistencialismo da instituição se identificava com a finalidade de educação moral e religiosa, não tendo um projeto de re-socialização para o mercado de trabalho.

A relevância da instituição se dá pelo fato de contribuir para a extinção da mendicância e assim *recordar esse passado tétrico e sem dúvida o suficiente para que se dê um valor incalculável ao que ahi está feito, mercê da acção meritória dos espiritos realizadores. Ao commércio, aos poderes públicos, as famílias abastadas muito se deve*<sup>10</sup>.

A atuação dos comerciantes nas campanhas de caridade foi bastante intensa durante a década de 1930, o que pode ser verificada na mesma edição do Jornal Voz da Borborema, quando assinala os membros da comissão central, encarregada de organizar as campanhas de caridade, assim descrito:

Também se constituiu uma comissão central assim: presidente João Araújo( da Associação comercial); vice-se presidente Lino Fernandes( do Rotary Club); secretário Hildebrando Leal ( dos operários catholicos); tesoureiro, Arnaldo Albuquerque( Rotary Club); Agenor Gomes, ( Associação dos Retalhistas); Júlio Monte ( da Associação dos empregados do comércio); Luiz Gil ( do O Rebate); Mauro Luna ( D. Voz da Borborema).Para este mez trez benefícios estão sendo

---

<sup>10</sup> “Asylo dos pobres” Voz da Borborema, Anno I, n. 1, p.3, 16 de Julho de 1937.

preparados, no dia 19, a venda violeta no dia 25, uma festa em Lagoa Secca, no dia 26, um benefício no cine Capitólio em duas sessões<sup>11</sup>. Neste sentido, a festa da violeta, promovida pelos que em Campina Grande, se interessam pela sorte das classes soffredoras, deu um resultado acima de toda expectativa; assim é que se obteve a admirável receita de 5.365\$700 em benefício do nosso asylo de mendicidade. Também foi satisfatório o êxito alcançado, segunda-feira no capitólio, onde se levou a tela um film com a idêntica finalidade (Voz da Borborema, 16 de Julho de 1937).

Além de participar dos eventos realizados em prol do asilo de mendicidade, a classe comerciária patrocinava alguns eventos que tinham a finalidade de socorrer os pobres soffredores. Assim relata o jornal Voz da Borborema em sua edição de 11 de Agosto de 1937, *devem ainda, realizar-se no dia 29 deste uma festa ao ar livre, no risonho povoado de Lagoa Secca e mais três festas patrocinadas pela Associação Comercial, Beneficente dos artistas e o Centro dos motoristas.*<sup>12</sup>

Em apoio às campanhas de caridade que estavam sendo realizadas na cidade o jornal A Voz da Borborema, enfatiza a realização de conferências por intelectuais de credibilidade no cenário local. Em geral, essas conferências tendem a valorizar o espírito caridoso das campanhas, como expressa a matéria vinculada pelo Jornal Voz da Borborema em 21 de agosto de 1937:

A propósito, realizou-se , na penúltima sexta-feira; o dr. Octavio Amorim, uma excellente conferencia na “ Associação dos Moços Catholicos”, onde mais uma vez soube pôr em evidencia as possibilidades de seu espírito culto, no gesto de solidariedade muito louvável com a campanha ora em franco desenvolvimento. Falou também sobre o mesmo thema, na última quinta-feira, o illustre facultativo dr. Elpídio de Almeida, perante uma assistência numerosa e slecta que enchia lieralmente o salão da referida agramiação chistã. (...) Tudo isto vem , cada vez mais reforçando a campanha de caridade para um êxito integral e que falara muito alto a respeito de Campina Grande(Voz da Borborema, 21 de Agosto de 1937).

Um ano depois do inicio das campanhas de caridade, a superiora do Asilo de Mendicidade “ Deus e Caridade” escreve ao Jornal Voz da Borborema para agradecer os dividendos conseguidos com a iniciativa e assim, deixa bem claro o seu agradecimento a *diretoria da Campanha de Caridade e de um modo particular os srs. Arnaldo Albuquerque; João Araújo e Nestor do Couto que desde Julho de 1937, vem colaborando com abnegação e verdadeiro heroísmo, sem contar sacrificios para a continuação e acabamento do asilo “Deus e Caridade”*<sup>13</sup>. Estes membros da referida comissão eram também sócios da

<sup>11</sup> “ Campanha de caridade” Voz da Borborema, Anno I, n. 1, p.3, 16 de Julho de 1937.

<sup>12</sup> “ Campanha de Caridade” Voz da Borborema, Anno I, n.8, p.3, 11 de Agosto de 1937.

<sup>13</sup> “ Agradecimentos” Voz da Borborema, Anno I, n.52, p.3, 23 de Julho de 1938.

Associação Comercial da cidade<sup>14</sup>, o que demonstra todo o interesse da classe comerciária em ajudar os pobres, desde que estes fossem ocultados no asilo.

Para fortalecer, as entidades assistenciais, a classe comerciária passa a atuar efetivamente nas campanhas de caridade<sup>15</sup>, em prol da mendicância em geral, ou seja, sem a distinção de velhos, adultos ou crianças. Além, da contribuição em dinheiro, as entidades assistenciais, a classe comerciária atuava nessas campanhas através da participação em festas sociais, organizadas principalmente pela Igreja católica local. Entre os tipos de festas, tinha-se a festa da violeta, almoços, jantares, sessão de cinema, com o intuito de angariar fundos para o Asilo de Mendicidade Deus e Caridade, abrange a chamada “Campanha da Violeta” que surgiu em 1937, no momento em que as primeiras irmãs sofriam a grande crise, no momento de receber os velhinhos numa situação de penúria, por isso, o Rotary Club veio em seu socorro da instituição organizando esta campanha<sup>16</sup>.

A Associação Comercial de Campina Grande, reconhecendo a importância de colaborar com as campanhas de caridade, discutia em reunião a colaboração ao serviço assistencial da diocese, essa reunião ocorreu no dia 15 de Fevereiro de 1951, e se encontra registrada no livro de atas da entidade.

O presidente explica, o motivo da sessão, seria o de atender a uma solicitação do serviço diocesano de assistência social, para patrocinar um concurso que tencionaria levar a efeito, a fim de pôr em ordem, a (de) regularizar a situação financeira daquele movimento, atualmente, registrando déficits constantes, que em face da arrecadação inferior aos seus gastos. Ficou assertado, depois de discutido, que a associação estaria pronta a patrocinar o movimento para a realização do concurso “Rainha do Comércio” pondo a sua sede a disposição da direção que fosse dada ao certamente, para as suas reuniões. Ficou a seguir, constituída a seguinte comissão: João Rique Ferreira, Luiz Soares, Mario Barbosa, Adauto Ribeiro, Irmã Bernadete, Dona Alda Pinto(...).

O presidente congratulou-se pelo bom êxito do ato, adiantando que a Associação Comercial teria, ou melhor, sentia-se satisfeito em patrocinar um movimento, cujo os resultados seriam melhorar a situação de serviço que tanto tem melhorado o aspecto de nossa cidade, hoje quasi sem pedintes pelas ruas<sup>17</sup>.

Para os comerciantes de Campina de Grande, contribuir para as campanhas de caridade, significava uma forma de colaborar com as entidades assistenciais, para que estas pudessem

---

<sup>14</sup> Nos Livros de Atas das sessões ordinárias e extraordinárias da Associação Comercial de Campina Grande do ano de 1932 e 1935 constam os nomes dos referidos membros da Associação Comercial.

<sup>15</sup> Sobre a participação dos comerciantes em campanhas de caridade, ver: Brasil Novo(1 de abril de 1931); Voz da Borborema(16 de Julho de 1937), (11 de Agosto de 1937); O Rebate(14 de julho de 1951).

<sup>16</sup> Estas informações foram fornecidas pelo Instituto São Vicente de Paulo em um breve relato histórico da instituição. Neste, se destaca que essa campanha continua até os dias de hoje.

<sup>17</sup> Livros de Atas das sessões ordinárias e extraordinárias da Associação Comercial de Campina Grande. Ata 3/1951, 15 de Fevereiro de 1951, p.5.



aumentar o número de acolhidos. Desta forma, estaria se concretizando o ideal de limpeza e embelezamento da cidade a partir da eliminação dos mendigos do centro da cidade.

O projeto de educação profissional voltado para os adolescentes do Instituto e do Externato, torna-se uma realidade quando em 1959, surge o “Artesanato de São Vicente de Paulo” que promove o ensinamento de algumas artes como: Corte & costura convencional e industrial, roupa íntima, arte culinária, cerâmica fria, material de limpeza, tapeçaria<sup>18</sup>. De acordo este projeto, observamos a intenção de promover a qualificação profissional do carente para este possa se inserir no mercado de trabalho, e assim conquistar a sua autonomia financeira, sem recorrer às práticas da mendicância. Denota uma preocupação em evitar a profíleração de mendigos, mas também a percepção da importância do educar para o mercado de mercado de trabalho, em vez de está distribuindo auxílios que apenas solucionam o problema no momento, mas não resolve problemas estruturais e complexos<sup>19</sup>.

### **Referência bibliográfica**

BRESCIANNI, Maria Stella Martins. Historia e historiografia das cidades: um percurso. IN: FREITAS, Marcos Cezar(org.). Historiografia brasileira em perspectiva. São Paulo: contexto, 2005.

DIWAN, Pietra. Raça pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo. São Paulo: Contexto, 2007.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. Uberlândia:há serpentes no paraíso. IN: SOLLER, Maria Angélica e MATOS, Maria Izilda S. (orgs.). A cidade em debate. Belém, Recife, Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Uberlândia, Curitiba, Porto Alegre. São Paulo, Editora Olho d'água, 1999.

---

<sup>18</sup> Estas informações foram fornecidas pelo Instituto São Vicente de Paulo em um breve relato histórico da instituição. Segundo este, o projeto estendido aos jovens e senhoras carentes, em parcerias com o Estado e as voluntárias da caridade.

<sup>19</sup> Devo destacar que no ano de 1997, foi inaugurada a Clínica de Fisioterapia e dois consultórios médicos para o atendimento aos velhinhos e irmãs. <sup>19</sup> Estas informações foram fornecidas pelo Instituto São Vicente de Paulo em um breve relato histórico da instituição.